

Manifesto contra o racismo institucional

A luta da população negra no Brasil e no mundo é uma luta por equidade e compensação histórica.

Lélia Gonzalez, em 1989, no documentário "As Divas Negras do Cinema Brasileiro," nos alertava que se ela, enquanto professora universitária, chegasse em seu local de trabalho e se calasse em relação à questão racial, estaria contribuindo para a perpetuação do racismo. Por isso, nós, a soma das diferentes vozes NEABIs, no âmbito do IFRJ, – alunos, professores, servidores – nos manifestamos publicamente contra o racismo institucional, estrutural e individual que, historicamente, tem marginalizado e oprimido nossas comunidades.

Estamos empenhados em promover a justiça social e a reparação histórica, lutando contra todas as formas de racismo e discriminação.

Após mais de uma década da implementação das políticas de ações afirmativas nas universidades públicas e institutos federais, notamos alguns avanços significativos, contudo, ainda há um longo caminho a percorrer, pois as vivências cotidianas dentro da instituição ainda são permeadas pelo racismo cotidiano, sutil, à brasileira, como destaca Munanga.

Da mesma forma, Sueli Carneiro, em sua obra “Dispositivo de Racialidade” argumenta que o racismo se manifesta como um mecanismo de poder em sociedades multirraciais com histórico escravocrata, onde se fundem as contradições de raça e classe, afetando a estrutura social e mantendo a população negra nas classes mais baixas.

Dessa forma, um corpo negro, independentemente de ter um mestrado, doutorado, é visto, em primeiro lugar, como um indivíduo negro pela sociedade. E quando apontamos situações de discriminação ou racismo, muitas vezes somos desacreditados e rotulados como exagerados ou alarmistas, mesmo que nossas preocupações estejam fundamentadas em leis federais, como a Lei 7.716/89, que aborda crimes resultantes de preconceito racial, e a Lei 14.532/2023, que fortalece medidas e sanções contra o racismo, ampliando as proteções e garantias aos afetados.

É essencial reconhecer que uma das manifestações mais insidiosas do "racismo à brasileira", conforme diz o professor Munanga, reside na tentativa de desacreditar e reduzir a capacidade de pessoas negras em diversos espaços sociais. Também é crucial destacar que um Instituto Federal representa um local de poder significativo. Historicamente, pessoas negras foram objetificadas e categorizadas como inferiores. Ao

ingressarmos nesses espaços de influência, não somente desafiamos as estruturas de poder estabelecidas, mas também iniciamos o processo de reconfiguração das dinâmicas nessas instituições, enfatizando nossas lutas contra todas as formas de opressão.

Inicialmente, o que nos reuniu foi um encontro promovido pelo NEABI-CAC, em que os NEABIs dos diversos campi compartilharam relatos de situações de racismo e violência institucional vivenciadas dentro do IFRJ, situações estas que foram frequentemente naturalizadas.

Durante essa reunião, emergiu a necessidade urgente de um esforço coletivo para enfrentar essas questões de forma mais incisiva. Decidimos, então, unir forças e desenvolver estratégias comuns para combater o racismo institucional e promover a conscientização e a educação antirracista, e criar mecanismos de apoio para as vítimas de discriminação.

O racismo está profundamente enraizado em nossas estruturas, manifestando-se tanto em ameaças diretas quanto em microagressões diárias. Casos como os ocorridos em Arraial do Cabo, que resultaram em ataques e ameaças a professores que se posicionaram contra o racismo institucional, e em Pinheiral, onde aqueles que lutam contra o racismo são deixados sozinhos e deslegitimados até por gestores e colegas, destacam a urgência de ações efetivas. A naturalização dessa violência perpetua uma cultura em que pessoas negras são subalternizadas, evidenciando a necessidade de mudanças estruturais profundas.

É por isso que o professor Kabengele Munanga frequentemente afirma em entrevistas e palestras que o racismo no Brasil é um crime perfeito. Ele observa que o brasileiro, ao confrontar um negro que reage ao racismo, frequentemente diz: "Você que é complexado, o problema está na sua cabeça." Dessa forma, a culpa é rejeitada e a responsabilidade é transferida para a própria vítima.

Logo, o racismo à brasileira é um crime perfeito porque a responsabilidade pelo racismo é atribuída à própria vítima, enquanto o perpetrador não reconhece qualquer problema.

Os atos de racismo institucional que ocorreram e ainda ocorrem no IFRJ nos diminuem tanto como servidores quanto como membros da sociedade. Não podemos, por inação, nos calar diante de atitudes que desfavorecem grupos historicamente marginalizados e silenciam servidores negros que representam esses grupos.

Por isso, nós, dos NEABIs no âmbito do IFRJ, nos manifestamos contra as diversas formas de racismo na instituição e reivindicamos:

O reconhecimento oficial do grupo de trabalho, que elaborará o protocolo antirracista proposto por nós, a partir das experiências de racismo enfrentadas pelos NEABIs do IFRJ tem como objetivo prevenir a ocorrência de comportamentos racistas e responsabilizar atos de discriminação racial dentro da instituição. Através dessa iniciativa, esperamos criar um ambiente mais inclusivo e seguro para todos, garantindo que práticas racistas sejam combatidas de forma eficaz e transparente.

Rio de Janeiro, 16 de julho de 2024.